

# **PSD – Operação Distrito de Setúbal**

**Moção Temática a apresentar no  
40º Congresso Nacional do PSD**

## I. ENQUADRAMENTO

Congresso após congresso, os congressistas ou as estruturas eleitas do distrito de Setúbal, vêm apresentar uma Moção, ora sectorial, ora mais genérica ou regional, mas em todas elas, chamando a atenção para dois pormenores: que o PSD nunca teve um Presidente de Câmara no Distrito e que sempre que o PSD teve bons resultados no seu círculo eleitoral, o PSD ganhou essas eleições.

Pode mesmo dizer-se que existe um nexo de causalidade entre uma coisa e a outra. Mas isso discutiremos mais à frente.

Desafiamos o próximo líder do partido a integrar esta Moção nos seus objetivos. Mais, a integrar estes objetivos nas prioridades máximas do partido.

Desafiamos o líder do partido a olhar para Setúbal não como uma promessa, mas sim como uma das suas apostas.

## II. SETÚBAL – UM DISTRITO DE ESQUERDA?

Em 6 maio 1974 nasce o nosso querido Partido Popular Democrático (PPD).

**Francisco Sá Carneiro**, Francisco Pinto Balsemão e Joaquim Magalhães Mota apresentam aos portugueses os estatutos do PPD, um Partido de centro-esquerda, de cariz social-democrata, com base nos princípios da Liberdade, Igualdade e Solidariedade.

Este parágrafo lê-se na página oficial do partido e, sem entrarmos em questões pueris, que sabemos que muito têm prejudicado o partido, importante é que mais do que sermos um partido do centro, de direita, centro-direita ou centro-esquerda, a verdade é que o distrito é marcadamente de esquerda e, na visão quer da sua população, quer dos dirigentes políticos dos outros partidos, somos “empurrados” para a direita e habilmente culpados de todas as tensões sociais, desinvestimento, desorganização e atraso que grassa maioritariamente no distrito.

Temos tido “culpas próprias”. A seriedade crónica da forma de nos apresentarmos aos portugueses, de discutirmos os problemas, o primado do interesse público que sempre nos norteia em detrimento da promessa fácil, vã e inconsequente, postura que tanto nos orgulha, contrasta com a forma de fazer política do PS e do PCP, mais as suas coligações e afastou-nos das grandes bandeiras de quimeras que outros prometem, sabendo não poder cumprir – p. ex. a terceira travessia sobre o Tejo e o Hospital do Seixal.

Mas tivemos igualmente, noutros tempos, o TGV, o Aeroporto de Alcochete (não tanto o aeroporto, mas sim todo o projeto envolvente, com os diversos interfaces) e tantos outros projetos megalómanos apresentados pelo PS, logo reivindicados pelo PCP, e com o PSD numa posição de superior defesa dos interesses do Estado, mas inversamente numa posição incompreendida pelas populações, que veem, assim, o nosso Partido como o travão do desenvolvimento da região e dos seus próprios anseios.

Foi nesse contexto, de realismo e puro pragmatismo, ainda para mais depois da bancarrota socialista, que apresentámos ao país a solução do Aeroporto do Montijo, quase “chave na mão”, que o PS adiando sucessivamente a sua concretização, fez o País perder sete longos anos, com os resultados caóticos que se observam atualmente no aeroporto Humberto Delgado, em Lisboa. E, só não é já pior, porque a pandemia atrasou todo o processo de crescimento do tráfego aéreo e da chegada de turistas ao nosso País. A decisão da construção do novo Aeroporto é fundamental para o desenvolvimento do distrito de Setúbal e do País.

Como demonstrado, os factos desmentem a narrativa do PS relativa à sua aposta no distrito de Setúbal, pois foi sempre com o PSD que o progresso do distrito se deu. A Ponte Vasco da Gama é da lavra do Governo do PSD do Prof. Cavaco Silva, assim como o Metro Sul do Tejo e o IC32, a tão criticada pela esquerda travessia de comboio pela Ponte 25 de Abril, por ter sido concessionada, tudo obras estruturantes que são marcos estruturantes no desenvolvimento do distrito.

A privatização da LISNAVE, da SETENAVE, a completa privatização destes estaleiros, juntando-se a Mitrena à Margueira, foram igualmente processos que tiveram uma forte oposição das “esquerdas” de então, que diabolizou todo

o processo, mas cujos resultados foram a estabilização das empresas, desenvolvimento, criação de emprego e muito maior paz social, ao contrário do que vinha acontecendo. Já para não falar na vinda da AUTOEUROPA para o distrito de Setúbal, o que tem contribuído para o aumento da riqueza na região e no País.

Mas, infelizmente o PSD não tem sabido capitalizar, porventura refém dos próprios mitos urbanos tantas vezes repetidos pelos responsáveis políticos da oposição e por um sentimento de adormecimento das populações.

Está na hora do PSD abraçar estas causas que são as causas das suas populações. Está na hora do PSD fazer lóbi, por todos os motivos – pelo País, na medida em que uma “*margem sul forte*” fortalecerá o País, aliviará a grande metrópole que é Lisboa e tornará forte o nosso Partido.

### **III. SINES E O SUL DO DISTRITO DE SETÚBAL – UMA OPORTUNIDADE A NÃO PERDER - APOSTA ESTRATÉGICA E DETERMINANTE A NÍVEL NACIONAL!**

Por vezes o destino coloca-nos perante desafios e oportunidades únicas e imperdíveis. Esta é uma delas.

A aposta num novo *cluster* industrial para alavancar não só o desenvolvimento económico do Porto de Sines, mas também, o desenvolvimento e a prosperidade do sul do distrito de Setúbal e, de Portugal, deve ser um desígnio de extrema e vital importância, quer do ponto de vista distrital, quer nacional.

Como tal, a Zona Industrial e Logística de Sines deve ser alvo de novos e estruturantes investimentos em energias renováveis, com enfoque particular, para a produção de hidrogénio verde, bem como, do reforço do terminal de gás natural.

O abastecimento energético nacional e de parte das matérias-primas para a indústria transformadora em Portugal dependem das atividades de produção de energia elétrica, da refinação de petróleo e, da indústria petroquímica em Sines. O Complexo Portuário, Logístico, Industrial e Energético de Sines deve constituir uma localização privilegiada para captar para Portugal, investimentos da fileira da mobilidade verde: elétrica e hidrogénio.

Deste modo, o reforço do investimento em novas tecnologias sustentáveis nestes processos produtivos, na modernização das suas unidades industriais e, em infraestruturas de produção que utilizem fontes primárias de energia renováveis, como a eólica e o solar fotovoltaico, com o objetivo de Portugal conseguir reduzir as emissões de Gases de Efeito de Estufa (GEE) para a atmosfera, sem com isso perder a forte componente de competitividade económica que Sines constitui, quer para o distrito, quer para o País.

Para consolidar estes investimentos na revitalização e prosperidade de Sines e, do Alentejo Litoral, deve ser feita uma aposta na digitalização da economia nacional, a instalação de um mega centro de dados na Zona Logística e Industrial de Sines (ZILS), que vise assegurar a tão desejada transição para a Indústria 4.0.

Finalmente, mas não menos importante, a criação, com base nestes investimentos, de um número significativo de postos de trabalho, para Sines e, a aposta na formação tecnológica e profissional dos novos recrutados para estas unidades industriais.

#### **IV. QUADRO AUTÁRQUICO – A NOSSA GRANDE APOSTA**

Em 12 de Dezembro de 1976 realizaram-se as primeiras eleições autárquicas livres.

Todos sabemos a história a partir dessa data. O PSD em Setúbal nunca ganhou uma Câmara Municipal.

De 1976 a 26 de setembro de 2021, quase meio século e não conquistámos nem uma Câmara Municipal. Na história dessas eleições, tivemos alguns bons resultados e alguns concelhos de base social, menos vincadamente de esquerda, sendo o Montijo o exemplo máximo, pelo que a aposta nesse concelho ganha uma importância ainda maior.

Nas últimas eleições autárquicas estivemos a 350 votos de conquistar a nossa primeira Câmara – a Câmara Municipal do Montijo. Mantemos o nosso candidato, autarca eleito naturalmente, para o qual se exige toda a ajuda, disponibilidade e meios, para fazer ganhar a autarquia, cujo presidente está impedido de se recandidatar em 2025.

Enquanto líder da oposição, aliás, como já o era há quatro anos, terá “palco” local e legitimidade, estatuto e oportunidade de se apresentar à sua população como uma alternativa credível, mas bem sabemos que é preciso mais – é preciso toda a população sentir que o seu próprio Partido está disponível para lhe dar todas as condições para que ele seja o próximo Presidente da Câmara.

Esse será um desígnio da nossa estrutura distrital, da próxima Comissão Política Distrital a ser eleita, mas naturalmente também de todo o partido, da Comissão Política Nacional e do próximo Presidente do partido.

Os meios, ao contrário do que se pode pensar, não se cingem apenas aos meios económicos, nem à disponibilização de estruturas de *outdoors* e outras formas de comunicação. Falamos de uma verdadeira aposta política – uma articulação com as definições políticas dos órgãos distritais e do próximo Presidente do Partido.

Mas sendo esta a aposta maior, não podemos deixar de olhar com particular atenção para todos os concelhos do distrito de Setúbal: Alcácer do Sal, Alcochete, Almada, Barreiro, Grândola, Moita, Palmela, Santiago do Cacém, Seixal, Sesimbra, Setúbal e Sines. Todos eles devem merecer um esforço nacional que potencie a votação no PSD e possa bipolarizar a disputa eleitoral entre o nosso Partido e o partido que está à frente dos destinos de cada uma destas autarquias.

## **V. NÚMERO DE ELEITORES EM SETÚBAL NO CONTEXTO NACIONAL**

Mas a aposta no distrito de Setúbal, não pode ser apenas uma aposta autárquica, nomeadamente de ganhar a primeira Câmara Municipal de sempre. Esse será sempre um desígnio do Partido. Uma questão de honra. Um desafio que lançamos ao próximo líder, que tome nas suas mãos esse desafio e o transforme num desafio de todos nós.

Setúbal tem muito mais a dar ao Partido do que apenas um ou mais presidentes de Câmara que eventualmente venha a conquistar.

Dá-nos a ideia que o Partido nunca olhou devidamente para a importância da aposta em Setúbal que o PSD quase nunca trilhou e, quando o fez, teve sucesso.

Olhemos para os números.

O distrito de Setúbal é o quarto maior círculo eleitoral de Portugal, elege 18 deputados que representam atualmente os 745.669 eleitores recenseados localmente e tem perto de 900.000 habitantes. A dimensão do eleitorado a sul do Tejo é relevante para a definição dos equilíbrios políticos relacionados com o voto urbano, sobretudo no que diz respeito à Área Metropolitana de Lisboa e ao Conselho Metropolitano. Dos 13 municípios do distrito de Setúbal, 9 fazem parte da AML, o que representa metade dos membros da região e cerca de 27% dos habitantes, com cerca de 785 mil residentes.

Portugal tem 10.344.802 habitantes, o que significa que Setúbal representa 8,46% da sua população. Todavia, nas últimas eleições legislativas, apenas votaram 433 mil cidadãos, o que significa que, excecionando casos pontuais, 312 mil pessoas não quiseram pronunciar-se sobre os destinos políticos do País.

Dos 433 mil cidadãos que votaram, votaram PSD cerca de 70 mil eleitores, ou seja, 16% dos votos.

E aqui há que ser muito claro, com quase um milhão de habitantes o PSD terá de apostar “*todas as fichas*” no distrito de Setúbal se quiser conquistar o País. De outra forma, o PSD não ganhará o País se não ganhar Setúbal.

Num distrito com 13 municípios e 55 freguesias – as quais tenderão a aumentar caso haja a reposição das freguesias – o PSD distrital carece de outra atenção e meios por parte do PSD Nacional.

## **VI. MEIOS DISPONIBILIZADOS PELO PARTIDO ÀS ESTRUTURAS DO DISTRITO**

É impossível fazer política séria com 30.000,00€ (trinta mil euros) anuais, os quais representam 1.666,00€/ano por deputado elegível e 0,04€ por cidadão apto ao exercício de voto.

Nem o distrito de Setúbal, nem o PSD, crescerão se o distrito não for olhado com outros olhos.

Mas para crescer, o PSD tem de se impor ao nível da militância e da simpatia dos que não se querem vincular ao partido. Neste distrito, os militantes do PSD só representam 0,23% do universo eleitoral.

São números bastantes para preocupar e compreender quão necessário é investir neste distrito. O PSD no distrito de Setúbal precisa de meios financeiros, de recursos humanos, maior e melhor comunicação, ser atrativo para as camadas jovens, para a meia-idade e para os mais idosos, para os pobres, para os remediados, para a classe média e rica, apresentando bandeiras as quais cubram todo o arco, das escolas à saúde, da segurança ao emprego, do desemprego à mobilidade, dos baixos salários à perda do poder de compra, da indústria aos trabalhadores, do patronato aos sindicatos... tudo faz parte do arco e o PSD tem de estar em todo o lado, representado em todos os lugares.

Não seria pior que o PSD profissionalizasse a comunicação para trabalhar este distrito, no sentido de aumentar a militância – e com ela as parcas receitas das secções – atraindo novos quadros, mais voluntários, maior capital humano.

Outrossim, aumentar o número de simpatizantes que não se querem filiar, comprometer, mas que são as pessoas que podem criar valor para o PSD no seu todo.

Apostar na comunicação é essencial. Apostar nas novas tecnologias e nos canais sociais do partido é fundamental. Apostar numa laranja que seja leve, menos burocrática, de linguagem acessível, simples, mas com compromisso, é imperioso.

Repensar o partido é olhar para o lado e perceber quão bem funcionou a imagem, a comunicação ou as bandeiras de outros adversários políticos. Ser humilde para perceber que os outros, nos últimos anos, trabalharam melhor que nós. O PSD nunca ganhou uma Câmara Municipal em Setúbal. Isso seria o suficiente para pensar este distrito com pinças. Sendo um partido de poder e dele afastado há muito tempo, é chegada a hora de o conquistar e para tal é imprescindível agarrar este distrito.

Mais de 300 mil pessoas não votaram. O PSD tem de lhes dizer a razão pela qual devem fazê-lo.

Nas últimas legislativas, o PS ganhou todos os concelhos do distrito e teve 10 deputados eleitos em 18, contra 3 do PSD. O PSD terá de ganhar concelhos e querer duplicar os deputados eleitos nas próximas legislativas. Para isso terá de trabalhar muito. Mas, além de trabalhar, é imperioso que quem trabalha tenha meios, recursos, para o fazer devidamente.

É hora de apostar em Setúbal, ganhar o distrito e Portugal.

Quantas vezes o líder do partido visitou Setúbal?

Quantas vezes o líder do partido realizou, com os deputados eleitos, visitas aos vários municípios deste distrito?

O PSD está obrigado a falar para o distrito de Setúbal e para os seus 900 mil atuais habitantes. O PSD está obrigado a conquistar o distrito de Setúbal se quiser o país. O PSD está obrigado a reinventar-se deste ciclo negativo e fazer o que não tem feito nos últimos anos.

Olhar para o distrito de Setúbal com outros olhos não é apenas uma obrigação, mas também uma necessidade.

Urge começar agora, neste momento, a derrogar os maus números. Vamos conquistar Câmaras Municipais, vamos conquistar militantes e simpatizantes, para depois conquistarmos o País.

O PSD deve pensar o ensino, a escolaridade, os licenciados, a saúde, a ausência de médicos no distrito, a ausência de salas de operação hospitalares no distrito, a ausência de camas de hospital no distrito, o aumento do número de centros de saúde e o regresso do SAP que o PS eliminou, perceber a razão da taxa de incidência do RSI e RMG ser maior na Península de Setúbal que em Lisboa e no País, a razão do valor médio de pensões por habitante ser superior a Lisboa, mas inferior ao resto do País, o facto da remuneração mensal ser inferior a Lisboa, as questões relacionadas com o desemprego, a criminalidade, o facto do poder de compra do distrito ser muito inferior ao de Lisboa, o facto da densidade empresarial do distrito ser inferior a Lisboa, o volume de negócios das empresas do distrito ser inferior ao do País e de Lisboa, o facto de uma região com tantos atributos naturais possuir menos turismo por habitante que Lisboa e o País e ter parca capacidade hoteleira, entre muitos e muitos outros problemas que devem, desde já, ser pensados.

## **VII. SETÚBAL – DISTRITO SOCIALMENTE PROBLEMÁTICO?**

Ao distrito de Setúbal está associado este estereótipo. O dos problemas sociais.

Como referido anteriormente, o distrito de Setúbal concentra quase um milhão de pessoas. A sua realidade sociodemográfica não difere substancialmente da do resto do País. Há uma quebra demográfica, há um envelhecimento da população, há uma integração de comunidades migrantes ligeiramente mais acentuada do que em outros distritos, há um nível de qualificações ligeiramente abaixo do registo nacional.

A parte “*metropolitana*” do distrito caracteriza-se por uma mobilidade pendular de natureza ocupacional e estudantil muito acentuada. E este aspeto é relevante para o equilíbrio social da sua população.

A análise social de um território peca por defeito, se apenas relevar a dimensão da ação social, que emana das situações mais clássicas, que são as que se prendem com intervenção social direta e prestações pecuniárias.

Os tempos atuais reclamam que a análise seja reticular.

Não há desenvolvimento social sustentável se o mesmo não for feito de forma não assistencialista e menos mono sectorial, mesmo que capacitadora. O sector social é, mas não é só, o chamado terceiro sector e as instituições que o integram. Sem os outros sectores, a sociedade não evolui, o rendimento não se cria, o emprego não se gera, as qualificações não são necessárias.

Tomemos um exemplo: o turismo.

Setúbal tem uma costa que vai das praias da Costa da Caparica até ao litoral alentejano, tem Sesimbra, tem a Arrábida, tem Troia, tem toda a costa que se prolonga desde esta até ao distrito de Beja, até Odemira.

São quilómetros de praia, de praias diversas, com montanha, com ondulação, sem ondulação, mais cosmopolitas menos cosmopolitas. Uma diversidade rica. É o distrito português com maior capacidade de crescimento turístico.

Se assentarmos que Setúbal tem um enorme potencial turístico, o que é um facto, traduzível em ainda maior crescimento, podemos-nos interrogar “socialmente” de diferentes formas:

1. Como “alimentar” o crescimento turístico no plano da mão-de-obra?
2. Como criar um turismo sustentável?
3. Como criar um turismo diversificado, que, por exemplo, opere também em sectores como a saúde, o apoio a idosos, o apoio a pessoas com deficiência? Até como forma de diminuir a sazonalidade.

E é esta forma de olhar também para a intervenção social que é necessária.

A mesma não descarta o papel relevante das instituições sociais, da responsabilidade social empresarial, das políticas públicas sectoriais, mas destaca a intersecção que é fundamental. Se pretendemos estancar a perda demográfica, não podemos apenas subsidiar o nascimento de uma criança, pela via pecuniária, reduzir a prestação da creche ou do jardim infantil, temos que no quadro de políticas laborais incrementar novas formas de organização do trabalho que permitam aos pais terem mais tempo disponível para os filhos, entre muitos outros exemplos que poderíamos adiantar e que elucidam esta nossa vontade de abordar os problemas ou os desafios sociais.

E isso implica olhar para o social como um desafio de envolvente múltipla. Gerar emprego, gerar qualidade de vida, facilitar a mobilidade, pressionar a qualificação, encontrar novas formas de organização do trabalho, são vetores de uma política social inovadora e positiva, que não dispensa visões e intervenções clássicas, mas que vai para além destas.

O estereótipo do distrito socialmente problemático terá uma primeira linha de combate que é realizado pelo sector social clássico e pelo Estado responsável por essas áreas, seja central ou local, mas só se extinguirá quando o distrito de Setúbal mobilizar diferentes áreas e sectores que puxem pelo crescimento económico, pela qualidade de vida, generalizando-a, trazendo uma nova capacidade de integração da diversidade demográfica e cultural que o compõe.

## **VIII. PROJETO DE IMPLANTAÇÃO E DESENVOLVIMENTO POLÍTICO PARA O DISTRITO DE SETÚBAL**

### **I. O contexto regional**

Conforme se referiu anteriormente, o distrito de setúbal é o quarto maior círculo eleitoral de Portugal, sendo que a dimensão do eleitorado a sul do Tejo é relevante para a definição dos equilíbrios políticos relacionados com o voto urbano.

Nas eleições autárquicas de 2009, pouco mais de 10 anos atrás, dos 13 municípios de Setúbal, 9 eram geridas pela CDU/PCP, e 3 eram geridas pelo PS. Nas últimas eleições autárquicas de 2021, a influência do PS subiu para 6 autarquias (5 são da AML), enquanto 7 ficaram em poder da CDU. Contudo, olhando para o número de votos, o PS passou a liderar a preferência dos eleitores a sul do Tejo obtendo 122,8 mil votos, contra 108,3 mil votos da CDU. Tendência confirmada nas recentes eleições legislativas, onde o PS obteve 198 mil votos (45% dos votos expressos) e acima de PSD (69,9 mil votos e 16,2% dos votos expressos) e da CDU, que se quedou pelos 43,5 mil votos (10,6% dos votos expressos) - em 2011 a CDU obteve 82,8 mil votos (19,6% dos votos expressos).

### **2. O contexto do Partido Social Democrata**

Por outro lado, existe uma estrutural dificuldade do PSD em se impor nas eleições autárquicas no distrito de Setúbal, que fica patente na falta de conquistas de autarquias e que estará relacionada com os seguintes fatores:

1. Contexto ideológico do distrito, muito assente no controlo comunista da região durante décadas;
2. Falta de estrutura profissional do PSD, acentuada pela ausência de poder a nível regional, que limita a ação política entre os atos eleitorais;
3. Falta de capacidade financeira nos atos eleitorais face aos concorrentes para mediatizar os candidatos e competir pela vitória em concelhos urbanos relevantes.

Estas dificuldades são patentes, por exemplo, no diferencial de votos relevante que existe, sobretudo nas últimas décadas, entre os votos para atos eleitorais nacionais e eleições autárquicas. Em legislativas o PSD teve 22,5% em 2015 e 16% em 2022, e nas autárquicas teve 11,3% em 2017 e 9,7% em 2021, considerando os votos obtidos também nos concelhos onde concorreu em coligação.

### **3. A oportunidade política**

A CDU tem vindo a registar um claro declínio acentuado e contínuo na última década em termos de eleitores, mandatos e influência nos municípios do distrito de Setúbal. Neste momento, controlam essencialmente municípios de média e pequena dimensão, e a sua influência para o voto urbano, decisivo para os equilíbrios do Conselho Metropolitano e para o círculo eleitoral relativo a eleições legislativas.

O campo está por isso “aberto” a novas alternativas políticas e o PSD não pode ficar ausente deste novo contexto eleitoral na maior área metropolitana do país, sob pena de condicionar futuramente a capacidade de vencer eleições a nível nacional. O círculo eleitoral de Setúbal elege 18 deputados, e o PSD (elegeu 3) tem à partida uma desvantagem de 7 deputados para o PS que elegeu 10 deputados.

Capitalizar esta oportunidade passa por construir e executar uma estratégia de implantação e desenvolvimento político do PSD no distrito que permita capturar e reter o talento político, ou seja Capital Humano, e afirmar uma alternativa autárquica a sul do Tejo que consiga reter e mobilizar eleitorado urbano, e começar a vencer a curto prazo autarquias no Distrito – e com isso construir a base de crescimento urbano do Partido a sul do Tejo.

O distrito de Setúbal está numa fase de transição, o nosso papel é acelerar essa transição para o PSD.

#### **4. As linhas orientadoras de uma estratégia**

As linhas ou vetores que devem conduzir a estratégia de implantação do Partido no distrito devem permitir debelar as fragilidades identificadas anteriormente e podem ser resumidas da seguinte forma:

- i. Implementar uma estrutura que permita combater o forte contexto ideológico de esquerda enraizado no distrito, promovendo uma estrutura regional (por exemplo ligada ao Instituto Francisco Sá Carneiro), que seja capaz de promover a social-democracia nas escolas ou associações, e quer seja um espaço de captura e formação de talentos junto da sociedade civil e simpatizantes independentes;
- ii. Criar condições financeiras e de serviços da estrutura distrital para produzir política local entre os atos eleitorais. Ou seja, trata-se de criar condições para que o partido possa fazer ações políticas durante 4 anos e afirmar-se como alternativa no distrito, e não apenas surgir no ano de eleições.
- iii. Ser forte nos atos eleitorais do distrito, nivelar e padronizar por cima as campanhas de todos os concelhos. Isto implica ter capacidade financeira para mediatizar candidatos e apostar nos municípios de elevada densidade populacional, que depois se repercute em bons resultados autárquicos e fidelização de eleitorado urbano.

#### **5. Criar a Estrutura para vencer Setúbal**

Nos dias que correm torna-se cada vez mais essencial ter estrutura profissionalizada na política. Em municípios onde o PSD tem já poder ou influência relevante, o Partido tem pessoas e meios que lhe permitam vencer ou continuar a vencer. Não é o caso ainda do distrito de Setúbal, e que pela relevância do distrito para o xadrez político da Área Metropolitana de Lisboa e do próprio país não pode continuar a ser ignorado. As recentes tendências mostram que a CDU está em declínio estrutural, e que o PS é a força política em acentuada ascensão. Ao PSD cabe construir a alternativa regional para poder começar a vencer e a bipolarizar o círculo eleitoral.

#### **6. Propostas para a dinamização do PSD no distrito**

Neste sentido devem ser implementados alguns projetos que permitam alcançar os objetivos propostos, e em linha com os vetores estratégicos apresentados anteriormente:

- I. Criação de um Instituto de políticas públicas locais para o distrito de Setúbal com ligação ao Instituto Francisco Sá Carneiro – é essencial criar uma estrutura que possa promover os valores sociais-democratas a nível local promovendo debates junto da sociedade civil, atraindo talento e ideias novas para o PSD. É também um espaço de intervenção para simpatizantes e independentes poderem interagir produzindo ideias e reflexões críticas sobre a sua autarquia e distrito. O PSD deve ter um papel de dinamização deste novo organismo, conferindo-lhe um corpo estatutário em linha com o que existe no IFSC. Deve ter capacidade de atuar em conjunto com os parceiros nacionais e europeus para promover colóquios, apoiar estudos sobre política regional e criar espaço de debate com a sociedade civil.
2. Criação do Gabinete de Expansão Distrital de Setúbal – o objetivo desta estrutura é centralizar o esforço de crescimento das capacidades infraestruturais e de capital humano, dentro do distrito de Setúbal. Alguns dos objetivos passam por:
  - a. Estratégia do conceito de “Espaço Laranja”, no que diz respeito aos espaços físicos das sedes concelhias, modernizando e uniformizando a imagem do partido, e criando espaços interativos e visíveis:
    - i. Projetar um modelo de sede concelhia que seja semelhante para todos os concelhos, que possam estar em zonas centrais que possibilitem que o PSD esteja próximo e visível;
    - ii. Identificar em conjunto com a estrutura local e em coordenação com a estrutura nacional a localização chave nos diversos concelhos.
    - iii. Criar um modelo de *project finance* que possibilite em 4 anos, que o Partido esteja presente em todos os concelhos do distrito.
  - b. Criação da rede de estrutura *outdoors* distrital mais ampla, que permita visibilidade em todo o distrito do posicionamento político local do PSD. Neste ponto é essencial que, em conjunto com a sede nacional, exista uma coordenação em termos de aquisição dos serviços necessários (ex. produção de *outdoors* e conceção) e que permita que no distrito se possam implementar diversas ações por ano – em linha com a estratégia de estar visível durante os 4 anos dos atos eleitorais autárquicos.
  - c. Militantes: angariação e retenção (inbound/outbound). Esta medida passa por implementar uma estratégia local, utilizando mecanismos de marketing modernos e interagindo com estrutura e bases

de dados nacional, para angariar novos militantes, recuperar antigos militantes e para tentar reter militantes que estejam por alguma razão a pensar desfiliar-se. Os últimos anos no PSD criaram entorses burocráticos excessivos para os cidadãos que se pretendem filiar no Partido ou que pretendem recuperar a sua militância ativa, o que urge corrigir.

3. Projeto de dados, sondagens e diagnóstico político local do distrito de Setúbal – o PSD necessita de poder munir as suas estruturas locais com diagnósticos credíveis sobre os concelhos do distrito de Setúbal para poder construir propostas de políticas públicas locais que possam ter sucesso eleitoral. E de atualizar estes relatórios, numa base regular mínima bianual. Aqui cabe a compilação de estatísticas públicas, sentimento das populações face ao desempenho da sua autarquia ou principais preocupações de cada município. São estudos que devem ser encomendados a entidades especializadas e obtidas com o apoio da estrutura nacional do PSD.
4. Projeto de comunicação, redes e imprensa – uma das grandes dificuldades do PSD a nível distrital está relacionado com a capacidade de comunicar, influenciar nos media nacionais as posições das estruturas locais do PSD em oposição às máquinas de propaganda das autarquias de esquerda, que normalmente conseguem obter maior projeção mediática fruto da posição de poder e orçamentos de comunicação elevados. Por outro lado, a afirmação de líderes locais também passa muito pelo espaço mediático que consigam obter para si, e hoje em dia, uma estratégia de competição pelo poder político passa desta forma pela necessidade de profissionalizar a comunicação no distrito, numa estratégia de duas frentes:
  - a. Amplificação da posição política do PSD,
  - b. Afirmação de futuros líderes locais do PSD.

A par da comunicação dos meios tradicionais, o PSD precisa de ter uma forma concertada e profissional de gerir os conteúdos digitais, nomeadamente nas redes sociais. A imagem e perceção deve ser uniforme pelo distrito, e não diferenciada consoante a capacidade local de cada concelhia. Isto pressupõe um maior investimento e profissionalização da comunicação, permitindo que os atores políticos se possam concentrar no trabalho político.

## **IX. CONCLUSÕES**

O PSD, apesar da coragem dos seus fundadores e do trabalho de inegável dedicação, abnegação e esforço ao longo destes anos, não tem conseguido obter no distrito de Setúbal os resultados condizentes com aquilo que é a sua implantação nacional e com a dedicação dos seus militantes e simpatizantes. Sem prejuízo da responsabilidade que nos assiste, na definição de uma estratégia para o nosso Partido na região, também o PSD a nível nacional, necessita de apostar no distrito de Setúbal, pois, só assim, poderemos almejar conquistar o poder autárquico e, assim, pôr em prática um conjunto de reformas que consigam colocar Setúbal num patamar de desenvolvimento diferente.

A alteração deste panorama depende muito do que o PSD possa fazer por este distrito. Por isso é fundamental que o PSD, a nível nacional, aposte definitiva e decisivamente nesta região, envolvendo todo o partido na alteração do panorama eleitoral em Setúbal.

O atual panorama político nacional e distrital pode constituir uma oportunidade para a nossa afirmação nas próximas eleições autárquicas. Para isso deve ser reforçado o apoio às estruturas partidárias locais, mas simultaneamente ter uma estratégia articulada para o distrito e desenvolvida por todas as estruturas partidárias: nacional, distrital e concelhia.

O PSD deve apresentar-se unido e coeso ao eleitorado, com um discurso claro e de esperança para este distrito. Deve assumir uma política para o distrito que vise reduzir e eliminar a distância que atualmente o separa dos indicadores de desenvolvimento do resto do País, tornando-o num distrito mais competitivo, com maior capacidade de crescimento endógeno, menos sujeito aos enormes sacrifícios que os períodos de recessão lhe impõem, contribuindo assim para que assuma o papel de relevo que pode e deve desempenhar no País e mesmo a nível internacional.

Mas, paralelamente, deve adotar uma aposta forte no distrito, assumida pelos vários níveis de decisão do partido, que reforce os nossos resultados eleitorais nas autárquicas de 2025, e que, simultaneamente, assuma estas eleições como o início de uma caminhada que terminará com a vitória nas eleições legislativas de 2026 e a eleição de Luís Montenegro como Primeiro-Ministro de Portugal.